

Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema

Bêka & Lemoine

11 de Março de 2025

Tokyo Ride / 2020

um filme de Ila Bêka e Louise Lemoine

Realização, Montagem: Ila Bêka, Louise Lemoine *Fotografia (digital, preto-e-branco):* Ila Bêka *Som:* Walter Amati, Fuji Studio (*mistura*) *Música:* Hanto ni so nara; Una Futiva Lagrima *Correcção de cor:* Melo Prino *filmados:* Shinjuku, Tempo Asakusa, casa de Kazuyo Sejima, Atelier em Tatsumi, Restaurante de Soba em Shinagawa, Estádio Yoyogi em Shubuya, casa de Moriyama *Com:* Ryue Nishizawa, Kazuyo Sejima, Yasuo Moriyama, Ila Bêka, Louise Lemoine.

Produção: Bêka & Partners (França, Japão, 2020) *Produtores:* Ila Bêka, Louise Lemoine *Cópia:* DCP, preto-e-branco, falado em inglês e japonês com legendas em inglês e legendas electrónicas em português, 90 minutos *Estreia:* 3 de Setembro de 2020, no DocAviv Film Festival *Primeira apresentação na Cinemateca.*

sessão apresentada por Julia Albani

Ryue Nishizawa é um conhecido arquitecto japonês da actualidade, prémio Pritzker 2010 com Kazuyo Sejima, a arquitecta com quem se associou em 1995, no atelier SANAA, baseado em Tóquio. Ila Bêka e Louise Lemoine são os nomes da dupla italo-francesa de artistas que há vinte anos trabalha tangentes entre a arquitectura, as imagens em movimento, o retrato filmado, concentrando-se, a partir de 2017, num projecto “em construção” intitulado “Homo Urbanus”. É, aliás, o título da exposição patente até Abril no MAC/CCB, comissariada por Justin Jaeckle, com o subtítulo “Uma odisseia cinematográfica por Bêka & Lemoine” (em inglês, conforme o projecto é nomeado), onde projecções paralelas de grandes dimensões pretendem um diálogo de realidades urbanas contemporâneas a partir de imagens captadas numa série de cidades, às quais, há poucos dias, acrescentaram Lisboa. *Tokyo Ride* vem de antes, nasceu de uma residência artística de Bêka e Lemoine no Japão, do encontro com Ryue Nishizawa em França, dez anos antes, do trabalho dele, do seu gosto pela condução e por um clássico Alfa Romeo chamado Giulia. Um Alfa 2000 Gt veloce coupé de 1971, versão 2000 para ser exacta. É o carro em que os três embarcam para a jornada em Tóquio de onde nasce a matéria do filme em 25 de Abril de 2019.

O projecto da viagem pelo mundo em sintonia com a ideia a explorar de um olhar sobre os modos de habitar os lugares retratando as vidas urbanas do século XXI alinha com a filmografia anterior de Bêka & Lemoine, ancorada numa revisitação do relacionamento entre arquitectura e cinema, tão velho como o relacionamento entre o cinematógrafo e a cidade reflectido no catálogo pioneiro dos viajantes operadores Lumière. Seria possível ir por aí, é sempre possível voltar aos primórdios, e no caso presente também às vanguardas das sinfonias urbanas dos anos 1920 e ao cinema directo dos anos 1960. Também cabia lembrar o programa panorâmico dedicado à cidade, organizado pela Cinemateca em 2017 (“O Cinema e a Cidade”), ou antes dele o extenso programa construído, em 1999, à volta da personagem do arquitecto, das cenografias do urbano, dos imaginários da casa ou de imagens da cidade (“Cinema e Arquitectura”), ou ainda a atenção dada ao “Lugar dos Ricos e dos Pobres no Cinema e na Arquitectura em Portugal” (título de um ciclo de 2008 cujos encontros com arquitectos e cineastas à volta de filmes foram publicados em livro). Ou trabalhos como os do cineasta alemão Heinz Emigholz. Este texto não irá por aí.

Ainda assim, acrescente-se que às referências das vanguardas e do directo, somam as da fotografia de rua e do cinema japonês dos anos 1960, com os seus contrastes a preto-e-branco, e as escalas cinza da arquitectura do atelier SANAA, a que Beka & Lemoine aludem numa entrevista acessível na página electrónica designboom. Já na sua página, lê-se: “Nos últimos vinte anos [Bêka & Lemoine] têm ensaiado novas formas narrativas e cinematográficas para explorarem o modo como as pessoas experimentam, percebem e se relacionam com o espaço a partir de uma posição emocional, social e cultural.” É assim que a dupla apresenta o seu trabalho, referindo os mais de trinta filmes realizados em que destaca *Koolhaas*

Houselife (2008), *Barbicania* (2014), *The Infinite Happiness* (2015), *Moriyama San* (2017), *Tokyo Ride* (2020) e a dita odisséia cinematográfica em 14 (e continua) filmes *Homo Urbanus*, que já contempla um *Homo Urbanus Lisboaetus*. No que pode ser olhado como um núcleo de retratos de arquitectos, *Tokyo Ride* encontra pares nos dois outros títulos programados nestas três sessões na Cinemateca, com o arquitecto tailandês Boonserm Premthada (*Big Ears Listening with Feet*, 2022) e o arquitecto indiano Bijoy Jain (*The Sense of Tuning*, 2023). Ao contrário destes, Ryue Nishizawa fala.

Sobre *Tokyo Ride* adiante-se que é construído a preto-e-branco numa estrutura em vinhetas discerníveis nos separadores a negro com texto a branco que tanto introduzem como comentam a acção e a situam entre as nove da manhã e as tantas da noite (a última inscrição horária refere as 18h30 do princípio do segmento na Casa Moriyama). Os primeiros cartões esclarecem ao som do dilúvio sonoro: “Vamos combinar uma data e eu levo-vos a passear no meu Giulia. Disse-nos certa vez o arquitecto Ryue Nishizawa. A decisão da data levou-nos mais de dez anos. Lá conseguimos. 25 de Abril de 2019 foi o dia eleito. O único dia de chuva daquela estação.” Da chegada, debaixo da carga d’água, à partida nocturna noutra rua da cidade do Alfa Romeo branco de duas portas conduzido pelo arquitecto que parece gostar tanto de carros como algumas das grandes personagens do iraniano Abbas Kiarostami, *Tokyo Ride*, segue “on the road”. Numa metrópole mais fadada para a circulação ferroviária do que rodoviária, note-se. Com o arquitecto-condutor e a dupla de realizadores-passageiros. O carro de fabrico italiano, da época em que os automóveis eram desenhados de acordo com as características do seu motor ou nervosidade, mantém os vidros traseiros com abertura em alavanca, o interior exíguo, a exigência de um saber preciso sobre a manobra de levantamento do banco dianteiro para acesso ao traseiro, os vidros que embaciam, o som ronronado de um motor em marcha. Máquina de 2000, está equipado para carregamento de bateria telemóvel.

O filme circula entre os bons dias dos cumprimentos sorridentes, com a imagem em campo da realizadora, e as despedidas com reflexo e sombra da figura do realizador-operador de câmara. A jornada, como o filme, tem um itinerário: começa no bairro de Shinjuku, passa pelo Templo Asakusa, pela casa de Kazuyo Sejima (“um lugar secreto, não podemos filmar o caminho...”), pára também no Atelier dos dois em Tatsumi, no “melhor restaurante de Soba” de Tóquio, em Shinagawa, onde almoçam, seguindo para o Estádio Yoyogi em Shubuya, com paragem num café em que se fala da Via Lactéa, e por fim, após uma prova de condução veloz, na casa do senhor Moriyama. Este passeio em Tóquio vive do encontro com outras duas pessoas, a arquitecta Sejima (em sua casa e no atelier de trabalho de ambos) e Moriyama (no terraço exterior da casa em módulos desenhada em 2005 por Nishizawa, onde Bêka & Lemoine realizaram um primeiro filme). É neste terraço, com sushi e estrelas sob um céu nublado, que os senhores Nishizawa e Moriyama são sentados lado a lado para um plano conjunto embalado pela música de Donizetti. E é aí que o arquitecto discorre sobre “arquitectura oceânica versus arquitectura continental”, associando-as a uma cultura-arquipélago de países como o Japão ou a Indonésia, à imagem do verbo, movente, por contraste com a cultura continental europeia e chinesa, de linguagem substantiva e lógica, construção sólida.

“Os japoneses, tal como os poetas japoneses, tentam descrever uma coisa em movimento. Como as estações. O verbo é uma das mais importantes invenções da cultura oceânica.” As palavras de Nishizawa, com a sua camisa escura de bolinhas brancas em parelha com os reflexos das folhagens na noite nublada, é um bom quase desfecho. “Quase o fim. Mas ainda precisamos do fim.” O cartão dá lugar à encenação da parelha a olhar as estrelas. É um dado conseguido, a fraternidade do retrato de Nishizawa, que Bêka & Lemoine dizem ter filmado no mesmo espírito da improvisação que consideram fulcral nos seus filmes, estimulando a espontaneidade do retratado. O seu pensamento de arquitecto, formulado em inglês com uma fluidez muito japonesa, oferece bons planos, boas cenas, algumas confissões, como a do projecto infundável de uma casa para si, ou a vez do passeio na montanha em que, levado pela mão do pai, descobriu em criança a Via Láctea. “Parecia azul.”

Maria João Madeira